

# ESCLARECIMENTO NA IDADE MÉDIA: O LIVRO E SUA TRANSMUTAÇÃO

**Mariana de Souza Alves**

Mestre em Ciência da Informação. Bibliotecária no Instituto Federal de Pernambuco

E-mail: [mdsa24@gmail.com](mailto:mdsa24@gmail.com)

**Diego Andres Salcedo**

Dr. Professor de Graduação e Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco.

Coordenador do Grupo de Pesquisa IMAGO.

E-mail: [salcedo.da@gmail.com](mailto:salcedo.da@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo efetua uma análise da trajetória e dos processos de fabricação do manuscrito medieval durante os séculos XVI a XVIII para reconhecer e revelar a importância desse período e dessas práticas para a história dos registros do conhecimento. Como procedimento metodológico utiliza a revisão bibliográfica a partir de artigos científicos e livros especializados. Analisa e descreve os processos de cópia, transcrição, ilustração e encadernação dos manuscritos, assim como a relação destes com a sociedade medieval. Conclui que o período analisado foi fundamental para estabelecer uma rica relação social e cultural entre técnicas de fabricação do manuscrito medieval e emergentes comportamentos e práticas leitoras, algumas, das quais persistem na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Códice. Idade Média. Livro. Manuscrito. Transmutação.



## 1 INTRODUÇÃO

O livro é na contemporaneidade o resultado das suas transmutações temporais. Desde as antigas placas de argila até os *e-books* é fato que essa tecnologia mnemônica assumiu uma relevância ímpar, tanto na forma de expressão máxima da cultura humana, quanto na conservação e transmissão de diversos e distintos conhecimentos. No livro existe um eterno hoje.

De fato, o livro não é um objeto, e muito menos um conceito, de limitadas possibilidades de estudo. As características de produção, circulação e consumo que dele podem ser identificadas e avaliadas indicam vasta complexidade cultural. Se por um lado a variedade e diversidade desses aspectos indicam pontos de vista potenciais, pelo outro é indispensável olhar a partir daquilo que lhe é único, singular e primeiro. O livro celebra, de maneira ininterrupta, certa aliança temporal do hoje com o eterno. Nele, não apenas fica conservado o dito e o que o vela ou aquilo que está produzido e registrado, mas, também, evoca um movimento de recriação, vontade de transformação discursiva, conflito entre diferenças em busca de complementaridade. É nessa direção que o eterno hoje, do livro, provoca desafios e renovadores olhares.

Nesse sentido, um olhar focado sobre o período medieval durante os séculos XVI a XVIII, desde os processos de cópia, transcrição, ilustração e encadernação dos manuscritos guiará este escrito. Considere-se, ainda, que foi nesse período histórico em que ocorreram algumas das principais transmutações do livro, muitas das quais permanecem ativas, positivas e atuais. Para citar um exemplo: a mudança no tratamento dos rolos dos códices e o aprimoramento técnico de encadernação, dois fatores que contribuíram sobremaneira para melhorar o manuseio e a preservação desse artefato.

Um dos elementos contextuais que importa considerar é o fato de que os religiosos, espalhados por todo o continente europeu e parte do asiático, dominaram o verbo, as traduções, as interpretações e a disseminação daquilo que tornaria o medievo em um período de massivo domínio econômico e cultural. Não apenas, mas os cristãos, particularmente, criaram a necessidade de um estudo aprofundado de textos litúrgicos, das Escrituras e de escritos herdados da antiguidade greco-romana.

Ao mesmo tempo em que o domínio religioso criava as condições de emergência do espírito filosófico do medievo europeu (GILSON, 2006, p.2) menciona que,

A única questão que se trata de examinar é saber se a noção filosofia cristã tem sentido e se a filosofia medieval, considerada em seus representantes mais conceituados, não seria precisamente sua expressão histórica mais adequada. O espírito da filosofia medieval, tal como a entendemos aqui, é, portanto, o espírito cristão.

O poder institucionalizado restringia duramente o acesso das pessoas mundanas, em grande número iletradas, aos manuscritos e aos ambientes em que estavam guardados. Alguns nobres e membros de ordens religiosas tinham acesso. Dois tipos de escritos eram absolutamente proibidos: propostas científicas ou filosóficas que desconsiderassem o princípio primeiro divino e qualquer escrito que profanasse as Escrituras ou a visão de mundo cristã. Considerava-se que a leitura da Bíblia era capaz de atender todas as necessidades humanas. No entanto, no interior dos mosteiros, em locais designados como *scriptorium*, que o texto manuscrito sofreu profundas transformações, particularmente, nas técnicas de fabricação e de sua estruturação orgânica.

Foi de um olhar sobre esse contexto e suas características que nasceu o objetivo de, por meio de uma revisão bibliográfica, indicar as transmutações sofridas pelo livro, durante os séculos XVI a XVIII, principalmente no que diz respeito aos processos de cópia, transcrição, ilustração e encadernação e sua relação com alguns aspectos socioculturais do período. O artigo, assim, contribui ao debate sobre essa temática no campo da Ciência da Informação brasileira e reconhece a sua relevância para a história dos registros do conhecimento.

## **2 MANUSCRITO MEDIEVAL: A PASSAGEM DO ROLO PARA O CÓDICE**

Apesar da palavra ‘manuscrito’ se referir a uma inscrição feita à mão em qualquer suporte, como pedra, marfim, mármore ou papel, convencionou-se, porém que seria manuscrito apenas o texto escrito à mão em papiro, pergaminho ou papel e os outros

seriam gravuras ou esculturas (MARTINS, 2002). O manuscrito medieval, portanto, é um texto nessas condições no contexto da Idade Média. Consideramos aqui a Idade Média o período datado do século V ao século XVI, que se estende desde os primeiros conventos com sua produção escrita até a invenção da imprensa.

Nesse período o manuscrito medieval tem relação estrita à vida monástica, pois nesta época a Igreja era a instituição de maior influência na sociedade e que se concentrava a maior parte dos escritos. Antes de abordar essa relação, passemos primeiro a entender o processo de estruturação do livro medieval.

O manuscrito medieval tinha como suporte inicial o pergaminho, o qual era guardado em forma de rolos e posteriormente de *códex* - folhas de pergaminho juntos ou costurados e organizadas em cadernos. Em sua grande maioria os pergaminhos eram feitos de peles de carneiro, ovelha e cabra, sendo estas as mais escuras e as de vitela ou velino que eram peles delicadas feitas de fetos de animais natimortos, bezerras ou carneiros. O processo de fabricação do pergaminho consistia em duas partes, a primeira era composta pela retirada da pele do animal depois de morto, em seguida, fazia-se a limpeza do material em água corrente.

Na segunda fase, as epidermes já escorridas eram amolecidas em água e cal, nas quais eram mexidas diariamente, processo esse que durava vários dias. A função da cal adicionada nesse método favorecia a diluição das gorduras da pele na água, carbonatando (combinação com ácido carbônico) e alvejando o pergaminho, além de trazer proteção e durabilidade para o mesmo. Finalizada essa parte, as peles eram novamente lavadas com água. As mesmas eram esticadas em caixilhos de madeira e secadas sob pressão distribuída uniformemente para não rasgar o material. Finalizando todo o processo, de posse da pele já seca, esta era polida através de pedras-pomes dando um aspecto liso, padronizado e reluzente. Para fabricação de livros escritos em ambos os lados era comum a utilização de pó giz no polimento da pele ainda úmida, impedindo a absorção da tinta escrita no

pergaminho. Dessa forma, finalizava o processo de fabricação do pergaminho deixando pronto para ser cortado em fólhos.

Esse longo processo de fabricação e a escassez desse tipo de artefato fazia com que ele se tornasse um material de custo muito alto. Para obtenção dele, alguns mosteiros fabricavam seus próprios pergaminhos que eram feitos pelos monges ou pessoas que moravam perto dos mosteiros. Contudo, em sua grande maioria, os eclesiásticos adquiriam esse produto por meio de compra nas feiras municipais e recebiam o produto em domicílio.

Chartier (1998), a leitura de um livro em forma de rolo é feita segurando-o com as duas mãos. Os leitores desdobravam o rolo aos poucos, estes tinham no final de cada extremidade um suporte de madeira para firmar sua estrutura. Os leitores não podiam escrever ao mesmo tempo em que liam, quiçá comparar diferentes fragmentos do texto que estivessem em locais diferentes. A passagem do rolo para o códice ocorreu depois do início da era cristã, durante o Império Romano. Spalding (2011, p. 1) esclarece que essa transição se origina dos juristas, os quais “decidiram manusear o pergaminho de forma diferente, dobrando-o em quatro ou em oito”. A costura desses cadernos constituía-se construídos o que se chamava de códex (códice).

Como a Igreja era a instituição que detinha o domínio, controle e uso dos manuscritos de forma mais predominante nesse período, a elaboração, transcrição e tradução eram feitas em uma sala no interior de seus mosteiros, os chamados *scriptoriums*. Nesses espaços os monges eram divididos em várias equipes ou individualmente para produção do códice.

Para fabricação do códice era necessário a preparação do pergaminho. Esse último era cortado e dobrado em bifólhos (folhas duplas que tinham um tamanho específico de um quarto oitavo, chamado também de *quadratio*), em sequência eram preparadas as tintas (feitas de estratos de minerais e bugalhos brotos de plantas) e por fim as folhas de pergaminhos eram polidas para tirar as imperfeições do material e para que a tinta fosse absorvida, evitando que ela difundisse excessivamente.

Em seguida inicia-se a marcação das linhas que limitavam as margens e as caixas de texto em pequenos retângulos que indicavam onde o texto deveria ser escrito e ilustrado. Os que estavam delegados de escrever os códices eram chamados de pendolistas e os outros que ficavam responsáveis por iluminá-los chamavam-se miniaturistas.

No *scriptorium*, o monge escrevia seus textos em estantes inclinadas e com penas de ganso na posição vertical. Estas penas eram molhadas com tintas de cores cinza ou preta originadas do carvão na qual eram adicionadas goma ou substâncias diluídas na água para dar fluência e resistência ao pigmento. Os clérigos responsáveis pelas tintas vermelhas pintavam as letras chamadas capitulares (letras maiores que iniciam o texto, típicas de reportagens jornalísticas atualmente).

Os monges colavam em frente da sua estante todo material que iria ser utilizado na cópia e decoração dos manuscritos como as tintas, compassos, régua, facas para aparar as penas, pedras-pomes, entre outros objetos.

**Figura 1** - O escrivão medieval em selo postal<sup>1</sup>



**Fonte:** SALCEDO (2014)

---

<sup>1</sup> Selo postal emitido pela Hungria, em 15 nov. 1972, parte de uma série de sete selos de artistas húngaros e suas obras em vitral. Este, pintado por Ferenc Sebesteny, retrata um escriba e uma leitora do século XVI. Pertence a coleção de Salcedo, foi escaneado para o uso no texto.

Todo o processo da fabricação do livro era realizado por um monge especialista chamado de *Armarius*. Ele tinha as funções de fornecer material para a oficina, dividir as partes para construção dos livros entre os clérigos, verificar todas as etapas da fabricação do livro (desde preparação e revisão da cópia do pergaminho até sua encadernação), além de ditar os textos que deviam se copiados pelos clérigos. Muitas vezes “acumulava este cargo com o de bibliotecário, assegurando a guarda dos livros e controlando-lhe a comunicação” (LABARRE, 1981, p. 24).

Como para produção de um códice se utilizava muitos pergaminhos e seu alto custo e escassez era um fato, os clérigos tinham uma estratégia de escrever os textos em letras pequenas e juntas, o que evoluiu posteriormente para a escrita em letras góticas (letras menores e mais arredondadas) para a economia de espaço, além de utilizarem frequentemente abreviaturas. Eles também faziam uma espécie de reutilização dos fólios, que consistia no reaproveitamento as folhas, apagando seus antigos conteúdos com utilização de pedras-pome e reproduzindo novos, técnica esta chamada de palimpsesto.

Ao finalizar a cópia dos manuscritos e sua ilustração, os monges realizavam uma nota final dos manuscritos chamado de colofão, onde informavam o título da obra, nome do miniaturista e o ano em que se realizou o trabalho. Depois desse processo as folhas eram reunidas e preparadas para encadernação.

Sobre o colofão, Katzenstein (1986, p. 245-246) nos traz um relato muito interessante sobre essa prática. Para a autora, esse recurso demonstra perfeitamente a mentalidade e o nível cultural dos copistas, pois dados de identificação como nome, local e data, estes poderiam acrescentar livremente alguns comentários próprios. Muitos “agradeciam a Deus por terem acabado o livro, expressando a esperança de recompensa pela boa ação, neste e no outro mundo”. A prática do colofão representa o que é conhecido como página de rosto e o prefácio de publicações atuais.

Era comum o monge pendolista fazer anotações sobre elementos (palavras e frases) do assunto que compunham os

manuscritos. Essas anotações consistiam em uma análise de um fragmento do texto ou uma tradução completa (glosas), se escritas na borda final do pergaminho eram chamadas de glosas marginais, se entre linhas, eram denominadas de glosa interlinear, e ainda a glosa ordinária<sup>2</sup>.

No começo eram inseridas nos pergaminhos em forma de um anexo padrão aleatório, depois as glosas passaram a ser colocadas em ordem alfabética. Esse recurso facilitava a consulta dos clérigos do manuscrito, pois faziam uma espécie de esclarecimento do termo ou expressão. Influenciaram a origem dos dicionários e glossários que até hoje são produzidos.

Em um trecho da importante obra atemporal que trata da história do livro e sua relação com a sociedade medieval intitulado “O nome da Rosa”, Umberto Eco (2003, p. 80-82) indica a forma cuidadosa e dedicada com que os monges produziam seus códices:

Aproximamo-nos daquele que fora o local de trabalho de Adelmo, onde estavam ainda as folhas de um saltério com ricas iluminuras. Eram folia de vellum finíssimo – rei dos pergaminhos – e o último ainda estava preso à mesa. Apenas esfregado com pedra-pome e amaciado com gesso, fora lixado com a plaina e, dos minúsculos furos produzidos nas laterais com um estilete fino, tinham sido traçadas todas as linhas que deviam guiar a mão do artista. A primeira metade já estava coberta pela escritura e o monge tinha começado a esboçar as figuras nas margens. [...] As margens inteiras do livro estavam invadidas por minúsculas figuras que eram geradas, como por expansão natural, pelas volutas finais das letras esplendidamente traçadas: sereias marinhas, cervos em fuga, quimeras, torsos humanos sem braços que se espalhavam como lombrigas pelo próprio corpo dos versículos. [...] Eu seguia aquelas páginas dividido entre a admiração muda e o riso, porque as figuras conduziam necessariamente à hilariedade, embora comentassem páginas santas.

---

<sup>2</sup> Há quem diga que deram origem ao hipertexto, de acordo com Gomes (2011).

Deixando de lado os aspectos físicos estruturais da produção do livro medieval, cognitiva e socialmente falando a transição do rolo para o códice também trouxe mudanças no comportamento de leitura, favorecendo o desenvolvimento de práticas de leituras propriamente “livrescas” (SCHNAPP, 1995).

A prática da leitura silenciosa foi uma tendência que concretizou essa passagem: “é apenas nesse momento que, entre os leitores, começam a ser numerosos aqueles que podem ler sem murmurar, sem ‘ruminar’, sem ler em voz alta para eles mesmos a fim de compreender o texto” (CHARTIER, 1998, p. 119). A seguir serão explanados com mais detalhes alguns dos processos citados acima como as técnicas de escrita, modos de ilustração e formas de encadernação.

### **3 ELABORAÇÃO DOS MANUSCRITOS: FORMAS DE ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E ENCADERNAÇÃO**

**a) Caligrafia:** A Caligrafia é uma forma de escrever letras bem desenhadas podendo ser denominada também “arte escrita ilustrada”. Tal técnica teve um papel fundamental na escrita do livro medieval. Foi desenvolvida nos séculos depois do nascimento de Cristo e na Idade Média. Consistia no treinamento do copista medieval a realizar a caligrafia vertical usada nos livros, cujas letras eram afastadas de certos números de traços de pena. Outro tipo existente na época era a escrita documental cursiva usada para escrever bula papal ou carta régia entre outros documentos, estas eram feitas com poucos traços e se podia interligar uma a outra. A letra vertical tinha como objetivo a legitimidade do texto, enquanto que a cursiva e além da legitimidade tinha como vantagem a rapidez de escrita.

Com o desenvolver da escrita medieval foram adicionadas para escritura de documentos mais tipos caligrafia: uncial, que é uma escrita mais modesta e simples derivada da escrita comum romana; a carolina composta por letras minúsculas e arredondadas; a escrita gótica inserida a partir do século XIII nos

pergaminhos medievais, angular, de linhas quebradas e por fim a escrita humanística, uma versão evoluída da escrita cursiva carolíngia inserida nos séculos finais da Idade Média

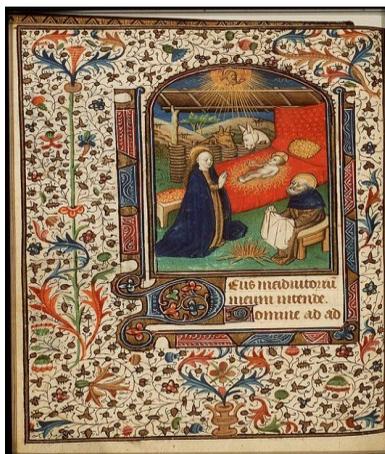
O estudo dessas diversas formas de escrita é realizado pela ciência chamada Paleografia. Ela estuda desde as escritas mais antigas até as escritas do final do século XVIII. Seu objetivo é a análise dos manuscritos, levando em consideração as transformações feitas pelas nações ou civilizações e constitui uma análise da origem e desenvolvimento da escrita, incluindo informações dos instrumentos utilizados do copista e o suporte ou material que ela é escrita.

As primeiras formas de escrita a serem estudadas na paleografia foram as escritas romanas do século II da era cristã conhecidas como letras capitulares do alfabeto romano. É composta por dois tipos de escrita: a comum ou clássica que eram letras pequenas, cursivas, leves e rápidas empregadas nos manuscritos e a capital clássica (forma da capital rústica tradicional) constituídas de letras maiores utilizadas em livros de luxo e monumentos. As letras capitais romanas foram classificadas em rústicas, cursivas, minúsculas e maiúsculas e adicionadas às letras capitais medievais.

**b) Ilustrações:** Desde a Antiguidade que se tem a prática de decorar os manuscritos com figuras. Na Europa a iluminura se destacou na Inglaterra, Alemanha e principalmente na Irlanda, lugar onde se suspeita que tenha originado essa prática. Durante a Idade Média usavam-se dois tipos de ilustrações: a iluminura e a miniatura. O termo iluminura está ligado ao verbo latino “illuminare”, utilizado pelos autores medievais para designar qualquer tipo de ilustração dos manuscritos. Nesse sentido “illuminare” significa tornar luminoso através das imagens. Iluminuras são imagens pintadas nos manuscritos medievais que oferecem suporte imagético complementar (ou decorativo) a textos religiosos ou seculares. O nome “miniatura” vem da aplicação da cor vermelha a certas partes do manuscrito ou do livro, é uma ferramenta de decoração técnica mais restrita a letras.

As cores eram preparadas pelo próprio iluminador, empregando substâncias ligantes, goma e gema de ovo. Para obter uma tinta é preciso, pelo menos, ter uma cola e um colorante. A cola ou ligante serve para fixar a cor; o colorante pode ser um mineral, um composto inorgânico sintético ou um corante extraído de certas plantas ou insetos parasitas. A cor vermelha foi muito predominante desde a antiguidade aos poucos foi se acrescentando outras cores como o azul e o amarelo (Figura 2).

**Figura 2** - Iluminura do Presépio, livro Hours of the Virgin, de 1445.



**Fonte:** Alves (2014)

Apesar dos temas religiosos serem os mais predominantes, essas imagens também nos dizem muito a respeito dos trajés, modo de vida, animais e personagens da época. Um tipo de iluminura muito usada era a letra maiúscula. Ela era posta nas primeiras margens do texto para iniciar a seção. Criou-se o hábito de colorir as letras iniciais e dentro delas representar desenhos; Além do alto grau de ornamentação e da grandiosidade, as letras capitulares ainda continham desenho de imagem completa no seu interior (Figura 3).

**Figura 3 - Letra "p" capitular iluminada na Bíblia de Malmesbury**



Fonte: A ILUMINURA... (2006)

Quanto à localização e disposição, algumas vezes parecia que a imagem tinha sido posta aleatoriamente sobre a página, já em outras se percebia uma estreita relação com o texto. Podiam ocupar uma página inteira ou formar sequências narrativas (MATIAS, 2011).

Uma abordagem muito interessante sobre o tema é feita pelo estudo titulado: “A cor na iluminura portuguesa: uma abordagem interdisciplinar”, no qual em um dos capítulos: “À descoberta da cor na iluminura medieval com o Apocalipse do Lorvão e o Livro das Aves” faz-se uma análise desses dois manuscritos medievais (MIRANDA et. al., 2007).

O primeiro, o *Apocalipse do Lorvão*, é um manuscrito no qual se narram episódios do texto bíblico e o seu comentário, acompanhados de excelentes imagens que traduzem a cultura e mentalidade do período em que foram produzidos. Neste manuscrito encontram-se um conjunto narrativo simbólico de imagens com acontecimentos que se desenrolam ao longo do texto desde a Revelação de Cristo, através da entrega do Livro a João, até o momento da reconstrução da Nova Jerusalém.

O *Livro das Aves* é igualmente um pequeno tesouro em que o autor conta, através das características das aves, histórias moralizantes que deveriam servir de exemplo ao comportamento

dos monges. Neste manuscrito, no qual o autor se serve da imagem das aves para melhor nos dar a conhecer o conteúdo do texto, as iluminuras criadas pelo artista assumem vida própria levando, através da sua contemplação, à descoberta e compreensão do próprio texto.

[...] as estórias, contextos e imagens, do *Livro das Aves* e do *Apocalipse do Lorvão*, são extraordinariamente atuais, sendo simples estabelecer analogias com situações do presente. Este *Fator de Proximidade* poderá ser utilizado para estimular o interesse por estes livros medievais. Exemplificando, para o *Apocalipse*, a defesa de Ideais e as Guerras Religiosas conduzindo a um apelo ao patriotismo e fervor guerreiro: as campanhas de propaganda, a força da imagem e manipulação da informação; o confronto inter-religioso e os modelos que promovem a coexistência, num mesmo espaço geográfico, de civilizações e crenças diferentes; os valores eternos: a beleza da cor e a criação artística. Para o *Livro das Aves*, a criação de modelos de comportamento, os bons exemplos a seguir e a importância dos valores morais numa sociedade. A eficácia das metáforas e imagens na transmissão da mensagem. Analfabetismo, formas e consequências. O poder do conhecimento. (MIRANDA et al., 2007, p. 5)

Sobre a importância destas imagens o autor do manuscrito o *Livro das Aves* explica no primeiro prólogo que as imagens não só explicitam o texto como também atraem a atenção e estimulam a imaginação daqueles a quem se direcionam, assim:

Como tenho de escrever para um iletrado, não se admire o zeloso leitor se, para edificação daquele, eu disser coisas simples sobre assuntos subtis. E não atribua a frivolidade eu pintar o falcão ou a pomba, quando já o justo Job e o profeta David nos deixaram este tipo de aves para doutrinar.

Com efeito, o que a Escritura indica aos mais sabedores indicará a pintura aos simples: tal como o sabedor se deleita com a subtileza da escrita, também o espírito dos simples é atraído pela simplicidade da pintura. Quanto a mim, empenho-me mais em agradar aos simples do que em falar aos mais doutos, como se deitasse líquido numa vasilha cheia. De facto, quem ensina um homem sapiente por palavras como que deita líquido numa vasilha cheia. (GONÇALVES, p. 59 apud MIRANDA et. al., 2007, p. 9).

A transformação do rolo para o códice traz mudanças também na produção e conservação dessas imagens, facilitando a produção e protegendo mais as ilustrações, já que no rolo as camadas da pintura estalavam frequentemente com o sucessivo enrolamento do manuscrito. Outra vantagem que o códice trouxe é que a partir de agora as imagens podiam ter um carácter mais narrativo e sequencial, característica que se observa tanto no *Livro das Aves* quanto no *Apocalipse do Lorvão*. Os artistas ilustradores do período gótico tornaram-se tão habilidosos na representação do espaço tridimensional e na compreensão analítica de uma cena, que seus trabalhos acabaram influenciando outros pintores.

**c) Encadernação:** Com a passagem do rolo para o códice a prática da encadernação para melhor conservá-los foi uma ação quase que natural e muito necessária, visto que estes códices eram muito pesados e com suporte pouco resistente: o pergaminho.

Os princípios de encadernação surgiram a partir do seguinte raciocínio: como a ondulação do pergaminho era recorrente, criou-se o costume de prender as folhas entre duas tábuas de madeira, para poder manter as folhas planas. Em seguida prendiam-se as pontas das tiras que já prendiam os cadernos a essas tábuas. Por fim cobriam com couro estas tábuas ao mesmo tempo em que cobriam o dorso, criando-se assim a lombada (MATIAS, 2011).

Os medievais criaram duas técnicas de encadernação principais: encadernação de ourivesaria e a encadernação em couro, que se subdividia em couro liso, couro gravado e couro estampado a frio. A encadernação de ourivesaria consistia em placas de madeira ornadas de marfim, prata ou ouro, pedras preciosas, e era usada principalmente para os livros da Igreja e tinham o objetivo mais de embelezamento do que de proteção (MARTINS, 2002). A encadernação em couro consistia no emprego do couro coberto por placas de madeiras e opcionalmente gravava-se desenho em sua superfície. Havia também as encadernações comuns ou de uso corrente que eram feitas com placas de madeira, revestidas de pergaminho ou peles resistentes e em alguns casos, as peles não eram ornadas.

Por fim, como bem colocou Mársico (2008, p. 21), a mudança de estrutura originada da passagem do rolo ao códex traz o surgimento de uma mudança de paradigma na história do livro: “o livro plano e a encadernação”. O que faz com que o formato rolo caia em desuso no século V.

O estudo da história da encadernação possibilita ao bibliotecário, aos responsáveis por bibliotecas, aos historiadores, aos livreiros e aos colecionadores identificarem e dimensionarem a importância do objeto “livro raro”. O desconhecimento de estilos e características de época das encadernações leva à perda de um importante testemunho histórico de uma técnica tão minuciosa e única na história do livro (MÁRSICO, 2008, p. 22).

#### **4 A RELAÇÃO DO LIVRO COM A SOCIEDADE MEDIEVAL**

Como os livros, pergaminhos, manuscritos e documentos ficavam nos mosteiros e nas igrejas, os padres detinham praticamente o monopólio da cultura erudita que, segundo a visão predominante na época, representava um perigo para as mentes e as crenças cristãs.

Os historiadores costumam dividir a história do manuscrito medieval na Europa em dois períodos, o monástico e o laico. De fato, desde a queda do Império Romano até o século XII os mosteiros detinham o monopólio da cultura do livro. No entanto a partir do século XII com a fundação das universidades e a formação de uma nova classe burguesa, observou-se profundas alterações sociais e intelectuais na sociedade (BURKE, 2003).

No período monástico que corresponde a Alta Idade Média, os monges faziam parte do clero secular, pertenciam a ordem religiosa, as mais conhecidas são as franciscanas e as beneditinas. Constituíam a parcela mais instruída da população medieval, entretanto existiam alguns monges que ainda não sabiam ler.

Os monges viviam enclausurados em celas no monastério e seguiam as leis ditadas pela Bíblia Católica. Sua vida resumia-se em rezar e fazer a cópia de manuscritos. Dependendo da ordem, os monges não podiam expressar suas emoções nas transcrições, eles copiavam no sentido de obter informações sobre o conteúdo do texto produzido antiguidade (principalmente documentos de origem grega) e, também tinham a concepção de que ao fazer a cópia dos manuscritos estavam prestando “um favor a Deus” e conseqüente purgando seus “pecados”.

Também fazia parte da última rotina dos monges a leitura do Livro das Horas que era um livro construídos de salmos, orações diárias, e acompanhados de salmos, textos da Bíblia que dava apoio a doutrina da fé cristã. Mais tarde esse manuscrito do final da chamada Idade Média passou a ser encomendado como livro de orações de bolso que continham manuscritos altamente ilustrativos, caracterizando o cotidiano de certa parcela da sociedade medieval.

A relação do livro com a sociedade medieval se dava de forma bastante precária, principalmente por que a sociedade como um todo não participava dessa relação, apenas uma pequena parcela da população, representada por reis, príncipes medievais, professores e estudantes e, sobretudo padres. No período monástico para essas pessoas que não tinham acesso ao livro, isso

ocorria devido a dois fatores principais, segundo Jacques Verger (1991): o primeiro, porque o livro custava caro. Dependendo do livro era necessária uma grande quantidade de pergaminhos para produzir cada exemplar. Esse problema só foi otimizado depois do surgimento e difusão do papel no século XV. O segundo fator era o custo da cópia, pois os bons copistas eram raros e trabalhavam lentamente produzindo aproximadamente duas folhas por dia, em média.

Outro fato que impedia a sociedade em geral ter acesso ao livro era devido à baixa incidência de bibliotecas públicas. As bibliotecas eram na sua maioria privadas. Verger (1991) sublinha três tipos de bibliotecas neste período, as principescas dos príncipes e pontífices com coleções próprias, as bibliotecas das catedrais, constituídas de textos religiosos e de livros litúrgicos (livro das horas que constituem quase metade da produção incunábula) e as bibliotecas dos colégios e universidades que continham, sobretudo, livros de estudos destacando-se as disciplinas tradicionalmente ensinadas nas universidades.

O mesmo autor faz uma observação muito interessante sobre a importância que essas bibliotecas tinham nesse período:

os proprietários de bibliotecas consideravam-nas verdadeiros tesouros e as tratavam-nas com maior cuidado. O valor de um livro era, para um homem de saber, simultaneamente simbólico e material. Cuidadosamente conservador dentro de um cofre ou armário, os livros proclamavam a ciência de seus proprietários. Frequentemente adquirido junto a livrarias de universidades [...] os livros eram indissolúvelmente ligados aos estudos e aos diplomas (VERGER, 1991, p. 117).

Baratin e Christian (2008) em um capítulo dedicado a discorrer sobre o papel das bibliotecas na formação da cultura medieval, mostram a concepção e constituição das bibliotecas nos vários períodos da Idade Média. Os autores enfatizam a importância da biblioteca de Cassiodoro para o salvamento da

cultura antiga mantendo uma espécie de cultura cristã clássica no período entre final da Idade Antiga e início da Idade Média. Já no século VII a cultura do monge está estritamente ligada a Bíblia

No século IX na Renascença Carolíngia houve um enriquecimento das bibliotecas em benefício de uma cultura que se tornava cada vez mais humanista, no chamado período laico. Essa visão humanística se perdurou do século X em diante com conteúdos cada vez mais científicos, como gramática e retórica. É a partir deste contexto que as bibliotecas se apropriam de certa ordem humanística e laica. Dessa forma, o aparecimento da imprensa trouxe uma demanda social cada vez maior de leitores, destacando-se inicialmente burgueses e mercadores (FEBVRE; MARTIN, 2000).

Ou seja, o acesso aos livros só começou a ser democratizado no final da Idade Média quando uma nova classe representada por burgueses, mercadores e universitários sentiram cada vez mais a necessidade de expansão de livros. E não apenas isso, mas os grandes responsáveis pelo acesso massivo à informação durante o fim da Idade Média e início da Idade Moderna foram sobretudo o surgimento do papel e a invenção da imprensa com o barateamento do custo do livro e a rapidez na produção de informação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, reconhece-se que embora a Idade Média seja considerada a “Idade das Trevas” por muitos historiadores, foi nesse período, que segundo Oliveira (1991), surgiram os fundamentos da ciência contemporânea, momento de grande significância no plano social, intelectual e político para a construção do mundo moderno.

A produção de manuscritos não se extinguiu definitivamente com a difusão da imprensa, e felizmente, conservaram-se belos exemplares de livros copiados à mão. Essa transição não marcou uma ruptura entre os momentos, muito pelo

contrário, deixou para a cultura impressa diversos legados que se perpetuam até hoje. As harmoniosas letras capitulares ou capitais e a composição em duas colunas (as quais observamos, até hoje, na estrutura do texto jornalístico); as abreviaturas gramaticais; as glosas que originaram os dicionários; o colofão que originou a folha de rosto, por exemplo, são elementos que ainda permaneceram nos textos impressos. Com outros exemplos Chartier (1998) reforça: “a distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e sumários: tudo isto existe desde a época dos manuscritos” (CHARTIER, 1998, p. 7-8).

Ou seja, “a aparição da tipografia não terminou de uma vez com as atividades dos copistas de manuscritos” (VERGER, 1991, p. 130), pois a prática de escrever os livros manuais permaneceu até início do século XVI. Ainda “há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra” (CHARTIER, 1998, p. 9).

Muitas das informações hoje conhecidas sobre civilizações antigas foram consequência da fabricação e preservação desses manuscritos pelos monges copistas. O manuscrito como forma de conhecimento humano foi um elemento importante e necessário na história do livro, da arte, e do conhecimento humano, e uma notável contribuição às artes plásticas e gráficas. Enfim, este estudo permitiu indicar que o período analisado foi fundamental para estabelecer uma rica relação social e cultural entre técnicas de fabricação do manuscrito medieval e emergentes comportamentos e práticas leitoras, algumas, das quais persistem na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

A ILUMINURA. **Praia da Claridade**. 2006. Disponível em: <<http://topazio1950.blogs.sapo.pt/208517.html>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ALVES, Jofre de Lima Monteiro. **A iluminura**: página sobre iluminura, ex-líbris e arte. 2006. Disponível em: <<http://iluminura.blogs.sapo.pt/2006/12/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

BARATIN, Marc; CHRISTIAN, Jacob (Org.) **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2000.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, João. Glossa Ordinaria: primeiro hipertexto da história? In: **Oficina do historiador**. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/pYdCZA>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro**: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo: HUCITEC, 1986.

LABARRE, Albert. **História do livro**. São Paulo: Cultrix, 1981.

MÁRSICO, Maria Aparecida de Vries. **O surgimento da encadernação e sua evolução através dos séculos**. Disponível em: <<http://goo.gl/Kc013v>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATIAS, Hoton Esteves; LIMA, Joana D' Arc de; GÓIS, Patrícia Lafayette. Manuscritos como suporte histórico dos registros do conhecimento, da escrita à encadernação. ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. 14., 2011, São Luís. **Anais...** São Luís, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/OaiiLF>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

MIRANDA, Adelaide et. al. **A descoberta da cor na iluminura medieval com o Apocalipse do Lorvão e o Livro das Aves**. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/Ny69QY>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

OLIVEIRA, Franklin. Apresentação. In: LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SALCEDO, Diego A. **Espelhos de papel**: pelo estatuto do selo postal. Recife: EDUFPE, 2014 (no prelo).

SCHNAPP, Jeffrey. **Lições de leitura**: Agostinho, Proba e o detournement cristão da Antiguidade. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

SPALDING, Marcelo. Leitura e literatura das tábuas da lei à ascensão do romance. **Cenários**, Porto Alegre, v. 1, n. 3., 2011.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.

### **CLARIFICATION IN THE MEDIEVO: THE BOOK AND ITS TRANSMUTATION**

**Abstract:** *Seeks to understand the history and manufacturing processes of the medieval manuscript to recognize and reveal the importance of this period and these practices to the history of knowledge records. Consists of a literature that seeks to analyze and describe the process of copying, transcription, illustration and binding of manuscripts, as well as their relationship with medieval society. Concludes in favor of fundamental importance to the medieval period and its patent processes obtained about new behaviors and practices readers, as well as in editorial activities that are perpetuated to this day.*

**Keywords:** *Codex. Medieval Age. Book. Manuscript. Transmutation.*

*Originais recebidos em: 03/06/2017*

*Aceito para publicação em: 29/07/2017*

*Publicado em: 20/10/2017*